

Do barro ao byte: a comunicação do saber no passado e no presente

Em nosso último editorial, buscamos refletir sobre o lugar ocupado pela Revista *Habitus* no conjunto das metamorfoses na produção e divulgação do conhecimento acadêmico na era da sociedade informacional. Sendo uma publicação virtual, observamos que a Revista *Habitus* poderia ser pensada como uma componente do crescente acervo da grande biblioteca universal que se tornou a Internet.

Os grandes pensadores das Ciências Sociais nos ensinam que ao olhar nosso presente cabe ter a humildade de pagar tributo a nosso passado. Em outras palavras, devemos ter dimensão de que a realidade social que hoje se encontra diante de nós não é algo “natural” ou um dado imutável, mas uma construção sóciopolítica específica que, por sua vez, é fruto de um processo histórico inerentemente humano. Com isto em mente, nos ocorreu a seguinte pergunta: que desenvolvimentos sócio-históricos nos trouxeram até aqui?

Hoje, temos uma revista virtual, mas o saber (acadêmico ou não) nem sempre foi veiculado dessa forma. Quando olhamos para trás, o que podemos ver? Registra-se que os primeiros artefatos utilizados para gravar conhecimentos permanentemente foram “livros” entalhados em argila. Originários da Mesopotâmia (atual Iraque), eles foram usados para propósitos tão variados quanto poesia e registros contábeis. Depois do barro, foi o papiro que serviu de matéria-prima para o registro escrito do conhecimento. A famosa biblioteca de Alexandria (no atual Egito), concentrava 700 mil rolos de papiro entre os séculos III e II a.C. Somente em Roma, na era cristã, os estudiosos começariam a usar os códices, os livros encadernados. Estes eram feitos de folhas de papiro ligadas a uma haste chamada *umbilicus*. Posteriormente, adicionar-se-ia capas de couro a este conjunto para proteger por mais tempo seu conteúdo.

Os códices se tornaram instrumentos de registro tipicamente cristãos e acompanharam a expansão e popularização deste ethos pelo mundo. Os papiros só perderiam espaço quando os moradores da cidade de Pérgamo, na Grécia, inventaram o pergaminho – que, sendo mais resistente e reciclável, tornou-se o principal meio de registro escrito durante 1000 anos. Foi utilizando folhas de pergaminho que os estudiosos da Idade Média iniciaram a comunicação do conhecimento através de cartas. Foi também por meio de cartas que os primeiros humanistas da Renascença intercambiavam os resultados de suas pesquisas.

Para substituir o sistema de utilização de cartas para a comunicação entre pesquisadores criar-se-iam - em 1665, na Inglaterra e na França - os primeiros periódicos científicos. Além de publicar os resultados de pesquisa, estas publicações também serviam para divulgar notícias variadas relacionadas à ciência. Com o passar dos séculos quase tudo nestas publicações sofreu profundas mudanças; vejamos seus formatos, temas, conteúdos.

Entretanto, até fins dos anos 1980 o formato tradicional do periódico impresso prevaleceu incontestemente. O papel só encontraria rival com o advento da crescente digitalização dos meios de comunicação. A popularização do e-mail e da internet faria com que o conhecimento pudesse ser cada vez mais

frequentemente veiculado através linguagem dos bytes. Estamos agora adentrando o século XXI e o digital paulatinamente conquista espaços que antes eram exclusivos do impresso. Isto não implica dizer que o papel irá desaparecer, mas simplesmente que as vantagens e qualidades do meio digital estão sendo progressivamente (re)conhecidas pelo sempre exigente público acadêmico. A Revista *Habitus* quer olhar para este futuro, mas almeja com igual força pagar tributo ao seu passado. Afinal, o que seria dos empreendedores do byte se há milênios atrás não tivessem existido os pioneiros do barro?

Do barro ao byte, aqui estamos. Abaixo disponibilizamos o quarto número da Revista *Habitus*. Esta edição vem permeada por redobrado entusiasmo. Chegou a nosso conhecimento que um texto publicado em nossa edição de 2005 foi utilizado pelo Governo de Estado do Rio de Janeiro como bibliografia da disciplina de Sociologia Jurídica no âmbito do Curso de Formação Profissional para o Cargo de Investigador Policial (2006). Ademais, após ter lido um dos artigos da Revista *Habitus*, uma jornalista do *Correio Brasiliense* (o principal jornal local de Brasília) convidou o autor a ceder uma entrevista ao periódico. Por fim, um professor e doutorando lisboeta nos indagou se aceitaríamos contribuições de autores portugueses. Surpresos, explicamos que nossa publicação atende exclusivamente a alunos de graduação. O professor respondeu dizendo que “a qualidade de alguns dos artigos da V. publicação sobre que passei o olhar não me fez suspeitar desta questão”.

De fato, a qualidade das contribuições tem sido excepcional e os comentários acima só corroboram o argumento que inspira todo o trabalho (voluntário, diga-se de passagem) dos editores desta publicação: a produção no âmbito da graduação tem um potencial imenso e inexplorado. Aos jovens cientistas sociais contemporâneos, acreditamos, só faltam os veículos, estímulos e suportes (moral e material) necessários para deslanchar todo o seu potencial intelectual latente.

Certos de que cada vez mais esta produção, antes marginalizada, se expandirá em quantidade e se aprimorará em qualidade, temos a honra de oferecer aos (às) senhores (as) mais um indicativo da competência destes promissores pensadores da sociedade. A Edição 2006 (Volume 4 - Nº 1) da Revista *Habitus*, conta com as seguintes contribuições.

Em “*Perspectivas Ambientais: Leonardo Boff e David Ehrenfeld*”, Ana Paula Perrota analisa as contribuições teóricas dos referidos autores para diferentes projetos socioambientais, destacando a coexistência de objetivos semelhantes e métodos diferenciados entre a Igreja e outras instituições.

Rafael Alencar utiliza a teoria do reconhecimento de Axel Honneth em “*Ações afirmativas: a luta dos negros brasileiros por reconhecimento jurídico*”. O estudo sobre as relações raciais no Brasil aborda o contexto em que surgem as ações afirmativas para negros neste país e elabora uma comparação histórica entre esta e outras iniciativas semelhantes no mundo com o intuito de destacar as transformações no Direito moderno.

Já em “*As catástrofes naturais como portas de entrada para o estado de natureza*”, Alexandre Fraga desenvolve, a partir das reflexões de Hobbes e Locke, o argumento de que as catástrofes naturais possibilitariam um retorno temporário ao estado de natureza, que se abandonaria, segundo os autores citados, por pacto feito entre homens onde um poder soberano se instituiria, possibilitando assim a vida em sociedade.

Tendo como estudo de caso os projetos do Instituto Algar, Marcilio Rodrigues Lucas nos apresenta “*Os sentidos e os limites da Responsabilidade Social Empresarial*”. Abordando temáticas como “terceiro setor”, sociedade civil, cidadania e neoliberalismo, o autor nos oferece uma leitura crítica e densa sobre as recentes

metamorfoses do Estado contemporâneo.

Cabe ressaltar a crescente diversificação geográfica do nosso contingente de colaboradores. Afora os artigos de pesquisadores da Casa (UFRJ), foram submetidos à avaliação os trabalhos de graduandos da UFPB, UFPE, UnB, Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília), entre outras. Queremos expressar aqui nossa satisfação em receber estes variados trabalhos. De Norte à Sul do Brasil, tais contribuições ressaltam a diversidade, integração e riqueza do pensamento social brasileiro.

Queremos tornar pública a nossa gratidão para com os pareceristas. Temos certeza que a qualidade das contribuições que disponibilizamos neste número se deve em larga medida às enriquecedoras contribuições, críticas e sugestões dos senhores aos artigos submetidos à apreciação. Colaboram voluntariamente com esta edição os (as) professores (as): Cristiano Monteiro (UFF), Rosane Prado (UERJ), Fátima Portilho, Isabel de Assis (UFRJ), Jacques Velloso (UnB), José de Britto Roque (UFRJ). Nosso agradecimento ao professor e editor João Feres Jr. (IUPERJ / Contributions to the History of Concepts) é duplo: tanto pelo parecer, quanto pelas bem-vindas sugestões “editoriais” que fez à nossa publicação. Gostaríamos de registrar também nossa gratidão ao Prof. Dr. André Botelho pela sempre ampla e muito solícita colaboração com a Revista *Habitus*. O incondicional apoio e o incentivo do mestre que tanto respeitamos e admiramos tem sido não menos que essencial. Na entrevista cedida aos membros de nosso Conselho Editorial, o professor Botelho, que atualmente coordena a graduação de Ciências Sociais da UFRJ, parte de sua trajetória intelectual e pessoal para nos falar do fazer teórico no pensamento social brasileiro e do cotidiano dos cientistas sociais no Brasil.

Agradecemos, por fim, aos autores de todo o Brasil, os protagonistas dessa curta, porém promissora história de trabalho.

Desejamos a todos (as) uma boa, agradável e proveitosa leitura.

Comitê Editorial - Revista *Habitus*